

De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica¹

Shirley Martins Macedo²

As diversas linhas de psicoterapia vêm sendo difundidas no universo acadêmico não só em trabalhos teóricos quanto em pesquisas. Esclarecer o que cada uma se propõe é comum nesses trabalhos, e o resultado é uma demonstração do avanço tecnológico das mesmas. Neles há, quase sempre, uma preocupação em defender referenciais teóricos diferentes, ou seja, diferentes paradigmas científicos, mesmo que nas origens dessas práticas psicoterápicas se constate a influência de diversas escolas de pensamento.

A *Psicoterapia Dialógica*, no entanto, é mais uma abordagem que uma linha psicoterápica específica. Pouco difundida no nosso País, mas em movimento de crescimento contínuo nos Estados Unidos, esta prática respalda-se, principalmente, nas idéias do pensador Martin Buber (1878-1965) sobre a filosofia do *diálogo*, buscando, por exemplo, na psicanálise, na gestalt-terapia e nas psicoterapias junguiana e centrada na pessoa, com o que de relevante ao *encontro* entre psicoterapeuta e cliente elas possam contribuir. Seu enfoque central é a *cura* através do encontro e sua essencialidade está no diálogo entre psicoterapia e cliente. Tudo que ocorre na relação é produto desse encontro, sejam resistências, transferências, contratransferências etc.

Prefaciado por Maurice Friedman, o principal porta-voz do movimento da Psicoterapia Dialógica, o livro de Richard Hycner pode ser considerado um manual desta prática psicoterápica. O próprio Friedman parabeniza o autor por um trabalho resultante de vários anos de dedicação ao estudo e à prática clínica

e por sua preocupação em apresentar um pensamento próprio no que concerne a teorias, métodos e práticas psicoterapêuticas para lidar tanto com a existência humana quanto com as patologias resultantes do relacionamento do homem com o mundo.

Considerando a profissão do psicoterapeuta como paradoxal, pois, independentemente do referencial teórico assumido, ela coloca o clínico em constante conflito entre os aspectos objetivos e os subjetivos, Hycner salienta como primordial o envolvimento pessoal com o cliente por parte do psicoterapeuta. Muitas vezes, esse envolvimento coloca o psicoterapeuta em situações surpreendentes, nas quais, por mais efetivamente cuidadoso que ele seja com os enfoques científicos, os fatos surgem inesperadamente e requerem uma integração entre arte e ciência da psicoterapia, ou seja, uma habilidade em estar presente e se distanciar, envolver-se e refletir, num movimento em que nem a dimensão objetiva nem a subjetiva sejam negligenciadas, para não resultar num des-serviço ao cliente. Além disso, como pessoa o psicoterapeuta deve estar atento às suas próprias questões mal-resolvidas, não as abandonando, pois são justamente elas que o permitem ser capaz de empatizar com o cliente. Mas ele deve ser hábil em discernir o seu *self* do do outro. Esta luta é que, segundo Hycner, desenvolve o *self* do terapeuta. Outro paradoxo seria o reconhecimento da própria relação, sabendo discriminar se o que está acontecendo *entre* ele e o cliente é determinado por um ou por outro. Tudo isto requer que o psicoterapeuta concilie teoria e prática para uma efetiva qualidade do encontro. Ele também deve gostar de filosofia, o que lhe permite pensar a existência humana e os conflitos da humanidade.

Abordando questões de bastante relevância, principalmente como articular as idéias buberianas sobre as atitudes EU-TU e EU-ISSO com a prática da psicoterapia, Hycner traça um percurso histórico das principais idéias de psicoterapeutas e psicanalis-

1. Hycner, Richard - *De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica*. (trad. Elisa Plass Z. Gomes, Enila Chagas e Márcia Portella, rev. Jean Clark Juliano) São Paulo: Summus Editorial, 1995 (original americano de 1988) - 173 p.

2. Mestranda em Pós-Graduação em Psicologia Clínica — PUCAMP/CNPq.

Endereço para correspondência: Rua Alvaro Antônio Zini, 418, Jd. Chapadão, CEP 13066-150, Campinas, SP.

tas de diferentes enfoques teóricos que influenciaram a Psicoterapia Dialógica, assim como o percurso prático da dialogicidade, ao mesmo tempo que vai explicitando os elementos teóricos dessa psicoterapia, buscando, quase sempre, exemplos de casos que demonstrem tais construtos.

Enfocando o *entre*, como o lugar ontológico da cura pelo encontro, o autor explicita tanto os processos conscientes quanto os inconscientes. Salienta que os processos conscientes estão permeados pelos inconscientes, e estes últimos não são considerados apenas como processos pessoais, mas como fenômenos que ocorrem entre pessoas. O domínio de conhecimento de ambos os processos por parte do psicoterapeuta é essencial para a compreensão do encontro, para o reconhecimento do *entre*. Neste encontro, a flexibilidade do psicoterapeuta e sua “oscilação ontológica” é que permitida sua entrada na realidade total do outro, o que só era possível, também, à medida que ele afirme a alteridade do cliente como pessoa única e separada.

A partir de tais idéias, Hycner, baseado em Trüb (1952/1964), descreve o processo da Psicoterapia Dialógica em três fases, que não são consideradas como separadas, distintamente rígidas e inflexíveis, mas que, necessariamente, ocorrem no decorrer dos encontros entre psicoterapeuta e cliente: a *intrapísica dialética*, a *interpessoal dialógica* e a *transpessoal*. Na fase intrapísica dialética, o psicoterapeuta inicia o seu contato com a experiência do cliente, alinhando-se com o “centro dinâmico” deste e permitindo que o mesmo explore os seus conflitos intrapísicos. Na fase interpessoal dialógica, o psicoterapeuta parte, processualmente, para uma dimensão em que possa fornecer ao cliente uma maior capacidade para o diálogo e o encontro genuíno, proporcionando, através de uma exploração intrapísica dentro de uma relação dialógica, a solidificação da capacidade do cliente de ser genuíno com os outros. Conhecendo-se mais profundamente em diálogo com o outro, o cliente está disponível, conseqüentemente, a um contato espiritual com o *Ser* (que tanto pode ser outra pessoa quanto a natureza) — aqui o cliente encontra-se na fase transpessoal — na qual expandem-se a sua consciência e o sentido de seu lugar no universo.

Na última parte do livro, o autor apresenta a aplicação prática destes pressupostos teóricos da Psicoterapia Dialógica. Expõe que o “problema” do cliente deve ser visto como fazendo parte da sua existência, e não como uma anomalia, e o que o psicoterapeuta deve fazer é integrá-lo à vida do cliente, já que tal problema foi resistido por muito tempo. Conclui que é a identificação do problema e a reintegração deste à existência total do cliente que inicia o processo de cura. O autor demonstra, também, como o psicoterapeuta deve entrar no *mundo do cliente*, como deve estar presente diante da presença do outro, suspendendo seus pressupostos, sua própria visão de mundo, “esvaziando” psicologicamente os seus conceitos tidos como verdades e alimentando um sentimento de admiração pela surpreendente pessoa que é e pode vir a ser o cliente. Assim, o psicoterapeuta atinge o *centro dinâmico* do cliente, seguindo passo a passo, *rasteando* os significados expressos pelo mesmo, e reconhecendo, dentre estes significados, o que Friedman (1972) chama de *pedras de toque*, isto é, os acontecimentos centrais cristalizados na vida do cliente. Neste movimento, a *relação* é estabelecida, o clínico penetra no *entre*, explora a “força crescente” do cliente e *pessoa en- contra pessoa*.

Tem-se como resultado um trabalho de alto nível técnico e científico. O autor é conciso, preciso, simples e objetivo. Numa linguagem de fácil apreensão, Hycner expõe assuntos que, mesmo requerendo um conhecimento prévio, favorecem um entendimento do que seja a teoria e a prática da Psicoterapia Dialógica. Neste sentido, este livro é indicado tanto para graduandos em Psicologia e mestrandos em Psicologia Clínica que se interessem pela questão da dialogicidade em psicoterapia quanto para especialistas em práticas psicoterápicas existenciais-fenomenológicas, que precisam de uma compreensão mais profunda do que seja o lugar ontológico da produção dos sentidos do vivido do cliente — o *entre*.